

## TIO DOMINGOS

Jayme Caetano Braun

Fui conhecer Tio Domingos  
Num comércio de carreiras  
Golpeando as duas hileiras  
De uma gaita Correntina.  
Negro de canela fina  
E aquele olhar de lampejo  
Como o de tantos andejes  
Escravos da mesma sina.

Irmão do Tio Anatácio,  
Que morou no mesmo teto,  
Tio Domingos, negro preto,  
Foi comprado, inda guri,  
E se criou, por ali,  
Naquelas imediações.  
Gauderiando entre os fogões  
Do velho Itacurubi.

Já taludo foi vendido  
E por cem reses de cria,  
Pois o negro se vendia,  
E comprava, a peso de ouro,  
Marcado mesmo, no coró,  
Conforme o tipo e a idade,  
Num pago onde a liberdade  
Foi sempre o maior tesouro.

Assim mesmo, como bicho,  
Que vai trocando de dono  
Se fez homem, com entono,  
Negro quebra e gauchão,  
Destorcido no facão  
E um carrapato num lombo.  
Num pialo, era ouvir o tombo.  
Quando calçava o garrão.

E foi mais um desses tantos  
Que a sorte leva por diante,  
No repecho de um lançante  
Forcejando a vida inteira,  
Para o final da canseira,  
Por estrada desparelha,  
Só ter marcas nas orelhas  
Deixadas pela regeira.

Mas veio a revolução,  
Onde até negro tem vez,  
Andou por Noventa e Três  
E dizem que peliou lindo.  
Chiru que lanceava rindo  
Como quem dava um changuí  
Se estraviando em Carovi  
Quando morreu Gomercindo.

E dizem que, dessa feita,  
Disfarçado em provisório,  
Incorporou-se o simplório  
Às forças dos inimigos  
E enfrentando mil perigos,  
O negro de qualidade,  
Até pôs em liberdade  
Dois prisioneiros amigos.

Depois da luta acabada  
Extravio-se na campanha,  
Tropeando e bebendo canha  
E alegre como um guri.  
Mas causa andar por aí,  
Sem parador e sem guia  
Por isso justou-se um dia  
Na Estância Guapitangui.

E por lá, muito querido,  
No galpão e na cozinha,  
Foi branqueando a carapinha  
Milionário de carinhos,  
Pois ao longo dos caminhos  
De uma existência reúna  
Qualquer afeto é fortuna  
Pra os que envelheceram  
sozinhos.

Pedi antes de morrer  
Que o enterrassem pilchado.  
E botassem no costado  
Uma meia de cachaça,  
Para esquentar a carcaça  
Na viagem pra um outro pago,  
Pois gaúcho sem um trago  
Achava a maior desgraça.

Negro velho, eu te bendigo,  
Porque, além de domar potros,  
Criastes os filhos dos outros  
Como não criaste os teus.  
E peço, ao dizer-te adeus  
Numa prece de campanha,  
Que nunca te falte canha  
Na Estância Grande de Deus.